

Apologética da Oitava Série

Eric Rauch

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Eu sou um pressuposicionalista – e você também. Eu uso o raciocínio circular quase sempre quando penso, debato ou converso com alguém – e você também. Embora gostemos de crer que somos observadores imparciais da vida, somos todos culpados de crer que o que cremos ser verdade sobre o mundo é “a verdade”. As diferenças começam quando os indivíduos não podem reconciliar suas crenças centrais – suas suposições básicas sobre como o mundo funciona – com as crenças centrais dos outros. Em outras palavras, por detrás de cada discordância há uma suposição básica, ou série de suposições, que está produzindo a controvérsia. A despeito de quanto gostemos de alegar “neutralidade”, ela é um produto do pensamento fantasioso, não da realidade.

Na oitava série, eu tive um professor de biologia muito sábio, que tinha um arsenal inteiro de respostas prontas para os ataques da ingênua sabedoria da oitava série, que ele tinha ouvido ao longo dos anos. Quando eu estava na oitava série, suas réplicas às nossas perguntas pareciam mais enrolações do que respostas reais, mas olhando para trás percebo o valor verdadeiro do que ele estava fazendo. Uma das suas proezas me intrigou durante todos esses anos. Quando um colega de classe fazia uma pergunta particularmente complicada ou incisiva, meu professor perguntaria de volta: “Qual é a afirmação por detrás de sua pergunta?” Colocando de outra forma, meu professor forçaria o estudante a pensar sobre qual suposição central – aquela crença não-declarada – era realmente o fundamento para a sua pergunta. Essa é uma ferramenta poderosa que poucos entendem hoje. Sem dúvida eu não apreciava o valor de sua tática quando estava na oitava série. Somente agora, mais de 20 anos após, finalmente sou capaz de entender o que ele estava tentando fazer.

Não estou certo se o sr. Greenawalt era cristão ou não, mas certamente entendia as implicações das pressuposições em nosso pensamento. E essa pergunta está no cerne do que nós como cristãos somos ordenados a fazer no freqüentemente citado, mas raramente entendido imperativo de 1 Pedro 3:15: “Mas também, se padecerdes por amor da justiça, sois bem-aventurados. E não temais com medo deles, nem vos turbeis; Antes, santificai ao SENHOR Deus em vossos corações; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós, tendo uma boa consciência, para que, naquilo em que falam mal de vós,

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2008.

como de malfeitores, fiquem confundidos os que blasfemam do vosso bom porte em Cristo” (1Pe. 3:14-16).

Alfred North Whitehead disse de forma memorável que toda a filosofia ocidental consiste de notas de rodapé a Platão. O que Whitehead estava dizendo é que toda a civilização ocidental está simplesmente pegando e reafirmando os pensamentos e conclusões de um pensador que viveu há 2.500 anos. Em sua primeira epístola, Pedro está recomendando o mesmo ideal ao cristão. Nesta passagem, Pedro não está dizendo que os cristãos devem ter conhecimento exaustivo de cada área da vida, de forma que quando um cético confiante cruzar o seu caminho, ele possa esquadrihá-lo com sua esperteza e sabedoria intelectual. Na verdade, o próprio apóstolo Paulo desejava conhecer nada senão a “Cristo crucificado” (1Co. 2:2). Pedro e Paulo entendiam que embora a apologética possa complicar o oponente, o cerne de qualquer resposta bem sucedida começa com Cristo. Cristo é para o Cristianismo o que Platão é para a filosofia ocidental.

Os cristãos freqüentemente ficam oprimidos e tentam se desviar durante encontros com céticos questionadores. Pedro nos lembra que devemos: 1) esperar tais situações e 2) estarmos prontos com uma resposta. Sistemas apologéticos inteiros têm sido formulados e construídos por acadêmicos com cérebro e conhecimento teológico gigantescos, bem maior do que eu possa sequer esperar alcançar, mas parece-me claro que Pedro está completamente satisfeito que seus leitores tenham um testemunho pronto quando forem chamados a defender a sua fé. Isto é, ter uma “razão” para viver da forma como você vive. Engajar-se em troca sem fim de evidências e construção de casos não é o que Pedro tinha em mente. Isso não é dizer que essas coisas não sejam importantes, pois são. Mas somente terão valor a partir de uma “apologética” consistente, que esteja fundamentada em obediência e confiança naquele que define obediência e confiança.

Este pequeno artigo serve como uma introdução a uma extensa série² que embarcaremos nesse novo ano: uma análise prática da apologética pressuposicional sem usar palavras com quinze sílabas. Embora fatos e figuras sejam importantes e relevantes para sermos capazes de construir um caso forte para a cosmovisão cristã, precisamos lembrar que toda apologética começa com a pergunta da oitava série: “Qual é a afirmação por detrás de sua pergunta?”

Fonte: <http://www.americanvision.org/>

² <http://www.americanvision.org/articlearchive2007/12-27-07.asp>